

A Casa de Roque Gameiro, na Amadora



A CASA DE ROQUE GAMEIRO, NA AMADORA



roque gameiro

Nota de Abertura

Passados, quase, cem anos a Casa de Roque Gameiro na Amadora mostra, novamente, toda a sua beleza. A arquitectura, os telhados, os azulejos e outros elementos decorativos harmonizam-se num todo, conferindo à Casa de Roque Gameiro o estatuto de peça arquitectónica de maior interesse.

Agora, após um conjunto de obras avultadas de recuperação e conservação, a Casa de Roque Gameiro abre as suas portas como espaço museológico, permitindo, assim, ao visitante conhecer a vida e obra de Alfredo Roque Gameiro, pintor aguarelista e ilustrador de enorme prestígio, e o valor patrimonial da casa, que reflecte a vivência do seu autor, próxima das paisagens bucólicas e campestres.

Foi aqui, na Amadora do final do século passado, que Roque Gameiro se fixou. Os campos, a vida rural, as gentes do povo e os seus costumes, fascinaram o artista.

Hoje, a Amadora do final deste século, é fascinada, novamente, pela Casa de Roque Gameiro, um novo equipamento cultural municipal.

O Presidente da CMA



Orlando de Almeida, eng^o

Memórias de um Outro Tempo *

- "Despacha-te, Helena, que já ouvi o comboio a apitar em Queluz!" E ela corria apressada pela alameda ladeada de roseiras em direcção à estação dos comboios da Amadora. Com apenas 14 anos, Helena ia a Lisboa para dar aulas de desenho e pintura no *atelier* de seu pai, Roque Gameiro, na Rua D. Pedro V. As suas alunas eram todas mais velhas do que ela, mas na casa da Amadora desenhar e pintar era tão natural como comer ou dormir.

Helena orgulhava-se do seu trabalho, que desde essa altura lhe permitiu ganhar o suficiente para se vestir e calçar. Seu pai, que vivia com uma certa austeridade, queixava-se dos gastos excessivos da filha, que gostava muito de andar bem vestida. Helena foi sempre uma mulher muito elegante. O marido, Leitão de Barros, foi um aquarelista que por volta dos 30 anos se intitulava "um pintor falecido", pois tinha definitivamente deixado de pintar, era um homem com mil projectos e ideias, um sonhador com uma capacidade de realização e sentido estético invejável. Dedicou-se a várias actividades, desde o cinema ao jornalismo. Quem viveu no seu tempo, lembra-se da sensibilidade e humor das suas crónicas, "Os Corvos", no *Diário de Notícias*.

Viver na Amadora naqueles tempos era bem diferente; vivia-se no campo, era a Porcalhota. Poucas casas existiam naquela terra, onde a água da mina era vendida em carroças dentro de bilhas de barro. Além dos moradores, só a venda de produtos hortícolas transportados sobre as albardas dos burrinhos saloios dava algum movimento às ruas.

Juntas de bois lavravam nos vastos campos de trigo que rodeavam a casa da Venteira. Ao fundo, nas colinas por onde desciam rebanhos, avistavam-se as velas brancas dos moinhos, que giravam movidas pela generosidade dos ares da região; as terras eram férteis e não havia saloio que se prezasse que não tivesse a sua horta e o seu burro.

A família juntava-se às refeições na ampla sala de jantar. Quando fazia frio e o vento soprava forte nas terras da Venteira, sentavam-se à lareira numas cadeiras baixinhas, conversavam e riam, contando histórias uns aos outros. Em

cima da mesa encostada à parede estavam as candeias, com a chama acesa num pavio mergulhado em azeite. Quando alguém se ia deitar, agarrava na sua luzinha e levava-a para o quarto. D. Assunção subia primeiro ao torreão para deitar o Ruy no quarto dos rapazes. Vestia-lhe uma camisa de noite e penteava os seus belos caracóis; Manuel, mais velho quinze anos que o irmão, deitava-se mais tarde.

A caça era abundante naqueles tempos em que campo ainda era campo; qualquer voltinha pelos arredores servia para apanhar perdizes, coelhos ou rolas. O Ruy, que gostava muito de ir caçar com Jorge Ottolini, o marido da irmã Raquel, pediu uma vez ao pai que lhe desse uma espingarda. Os 12 anos do Ruy impediram o pai de satisfazer este pedido. Então, o Ruy, muito dado a engenhocas, resolveu fazer ele mesmo uma espingarda aproveitando dois bocados de canos de água, e apareceu ao pai com duas rolas mortas a tiro. Este, com medo do que poderia acontecer com a arma improvisada, ofereceu-lhe uma sarasqueta¹. Aquele filho de temperamento irrequieto e independente veio, mais tarde, a valer-se do seu jeito de mãos para esculpir a pedra e modelar o barro².

Igual ao pai Gameiro não havia nenhum. Todos o conheciam, vestido sempre de surrobeco³ castanho, chapéu de abas largas e gravata Lavalière de seda, sempre verde-escuro com bolinhas brancas. Só no Verão mudava de vestimenta, para um fato de linho grosso, sempre de cor crua. Gostava de conservar os seus hábitos e costumes. A personalidade forte e conservadora deste pai ajudou a criar um ambiente familiar único, vivido numa casa tipicamente portuguesa, onde os filhos brincavam, descalços, debaixo da mesa de abas do *atelier* ou nos bancos do jardim, onde a vida se desenhou entre cavaletes e pranchetas.

Nas manhãs de domingo em que o vento descansava na Venteira, Raquel, Manuel, Helena e Mâmia, acompanhados pelo pai, trocavam o *atelier* pela bela paisagem vizinha ou pelos jardins do Palácio de Queluz. Cada um escolhia o seu motivo para pintar, e o pai apenas apreciava os trabalhos dos filhos no fim de cada sessão. No caso de haver alguma coisa para corrigir, não o fazia

directamente sobre os desenhos, mas à parte, noutra folha ou na margem, onde traçava as emendas necessárias. "É de pequenino que se torce o pepino", e o hábito de representar em imagens enraizou-se solidamente naquele mundo infantil. A arte viveu sempre ao lado de todos até ao fim.

Quando a Raquel casou, ficou a viver na Amadora, perto da casa dos pais. As suas filhas adoravam ir brincar para casa do avô, ir à horta às escondidas com o tio Ruy comer as cenouras que ainda não tinham tido tempo para crescer, sentarem-se na borda da "concha", um pequeno lago junto à entrada. Ana, a mais velha das netas, acompanhava o avô até nas suas idas para a praia; os dois e um rapazinho que ajudava a levar as coisas necessárias para cada sessão de pintura sentavam-se à beira-mar admirando as ondas na praia Grande ou as poças de água na Adraga.

Roque Gameiro passava vários dias acampado na praia da Ursa. Sozinho, contemplava o mar que não tem tempo, esperando o traço imortal da sua memória. Nas suas aquarelas procurava imitar a transparência da luz e da água, pintar era representar habilmente a realidade, a beleza das cores naturais. "A única descrição verdadeira do que é a aquarela [...] é toda a pintura que é simplesmente feita com tintas de água, sendo tudo o mais convencional [...] o que é necessário é água e muita água."⁴

Um dos grandes méritos deste pintor talentoso foi o de conseguir aquarelar à portuguesa, isto é, adaptar esta técnica difícil à cor azul do céu português, à luz clara dos dias soalheiros, bem diferente das paisagens sombrias e dos nevoeiros de uma Inglaterra muito mais "aquarelável". É fácil imaginar a dificuldade de pintar com tintas onde não existe o branco. Apenas a brancura do papel que espera as manchas coloridas, que o pintor escurece com segurança e habilidade. Era preciso "entoar" entre o claro e o escuro.

O interesse por assuntos históricos e ligados à navegação levou Roque Gameiro a pintar com precisão e rigor pequenas aquarelas, onde o traço cuidado e minucioso demonstra outra maneira de pintar com tintas de água.

O aperfeiçoamento da técnica e a exploração das suas potencialidades permitiram-lhe realizar obras tão diferentes como o *Retrato de Minha Mãe*, o *Arco da Praia da Adraga*, a *Torre de Belém*, uma *Paisagem em Avô* ou o *Beco dos Costumes da Lisboa Velha*.

Já no início deste século (1909) havia quem se preocupasse com questões relativas ao ambiente. Roque Gameiro e um grupo de pessoas ilustres que viviam na Amadora organizaram a Festa da Árvore. Estarão ainda de pé algumas das árvores plantadas naquele tempo? Num tempo de construções em cimento, o que nos resta desses belos monumentos construídos pela Natureza?

Embora a vida no campo da Amadora o seduzisse, Roque Gameiro apaixonou-se pela cidade de Lisboa - foi um amor à primeira vista: "Não esquecerei jamais a impressão de sumptuosidade e admiração que senti quando, aí por Fevereiro de 1884, vindo da minha humilde aldeia, entrei em Lisboa."⁵ Conheceu como ninguém as ruas e as gentes dos bairros antigos. Percorreu vezes sem conta a Lisboa velha, que desenhou e pintou apaixonadamente, sempre receoso pelo futuro da sua cidade, ameaçada pela destruição impiedosa de quem não dá valor ao passado.⁶

Papéis e mais papéis repousam ordenadamente na mesa grande do *atelier*. Entretanto, os traços de um tempo inscreviam-se no branco do papel, Helena pintava uma jarra com flores, Raquel ilustrava um livro, Manuel copiava um modelo. Mâmia era a única que utilizava tintas de óleo, e o Ruy desenhava debaixo da mesa de abas. Por vezes, Helena tocava no piano que estava junto à escada com o seu cãozinho Manjerico ao colo. A prima Hebe também pintava. O pai, Roque Gameiro, rasgava os esboços para a ilustração de *As Pupilas do Sr. Reitor*, descontente com os resultados do trabalho, e dizia: "Os desenhos têm que estar à altura das palavras do 'safardana do escritor'!"

Mâmia aprendeu pintura a óleo com Milly Possoz, incentivada pelo pai a deixar a aquarela, pois "bastava de aquarelistas", dizia ele. Foi casada com o pintor Martins Barata, que se notabilizou pela execução de grandes pinturas murais,

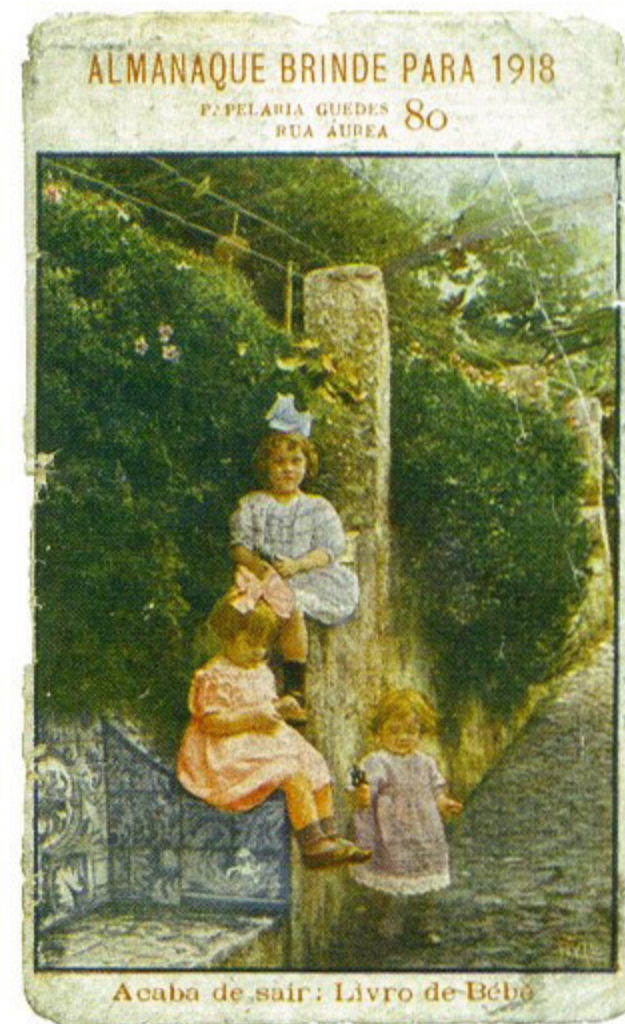
nomeadamente no palácio da Assembleia da República. Roque Gameiro, muito ligado à filha mais nova, acabou por abandonar definitivamente a casa da Amadora para ir viver ao pé dela.

Comprou uma casa antiga em Campolide, onde morou até morrer aos 71 anos. Oito dias depois da sua morte, o filho Ruy, com 28 anos, e a mulher, Maria Helena, morrem num desastre de moto a caminho de Sintra quando iam visitar a mãe, que estava na Eugaria, em casa da irmã Mâmia.

A casa da Venteira é o testemunho da passagem da família Roque Gameiro pela Amadora. As memórias de um outro tempo, as marcas de uma vida, revelam-se na imortalidade de uma mancha azul ou um traço negro inscrito no branco do papel. Uma obra nunca acaba, o nosso olhar mágico pode recriá-la, senti-la em qualquer tempo de um outro modo. A arte tem o poder de prolongar infinitamente o rasto da existência humana num tempo sem tempo.

* Por Ana Mantero

Neta de Helena Roque Gameiro Leitão de Barros



▲
Capa do Almanaque Brinde para 1918, onde figuram as 3 filhas de Raquel Roque Gameiro Ottolini. A família Ottolini residia então na Amadora e as 3 crianças encontram-se a brincar num banco do jardim da casa do avô.

Notas

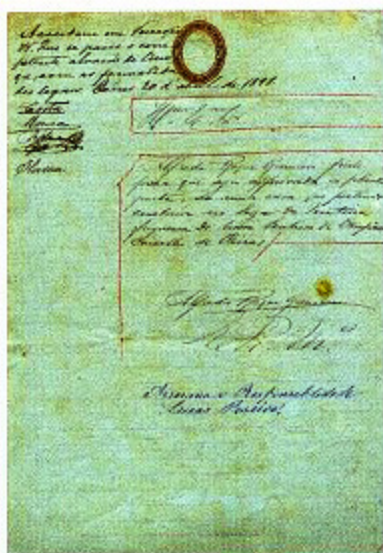
1. Espingarda de caça, fabricada em Espanha.
2. "Começa o barro, o material. Das suas mãos aparecem as cabeças, os torsos, as maquetes, as estátuas - e Ruy segue corajosamente até onde pode chegar; no entanto, continua a existir o rebelde, o inconformista, o escolar que luta contra os cânones, o que pretende inventar técnicas, o que deseja ser ele mesmo."
Júnior, José Amaro, *Artistas da Estremadura*, p. 51.
3. Tecido de lã grosseiro e duradouro, fabricado na Covilhã.
4. Entrevista ao jornal *O Século* em 22 de Maio de 1910.
5. Pode ler-se na "Explicação" escrita por Roque Gameiro no seu livro *Lisboa Velha* editado em Lisboa no ano de 1926.
6. "Essa sincera mágoa e uma natural e saudosa atracção pelas coisas do passado levaram-me desde há trinta anos a pintar em aquarelas, a desenhar e a documentar graficamente, conforme pude e soube, todos os pormenores que pouco a pouco iam desaparecendo da fisionomia da cidade, tarefa onde pus o melhor dos meus esforços e o carinho muito verdadeiro que consagro às coisas da minha terra."

A Casa de Roque Gameiro, na Amadora

A Câmara Municipal da Amadora agradece a Ana e Inês Mantero, netas de Helena Roque Gameiro Leitão de Barros, a colaboração prestada na organização da presente edição.

Agradece ainda aos filhos de Guida Ottolini Coimbra, e em especial a Luís Filipe Coimbra, netos de Raquel Roque Gameiro, a cedência de documentos para reprodução.

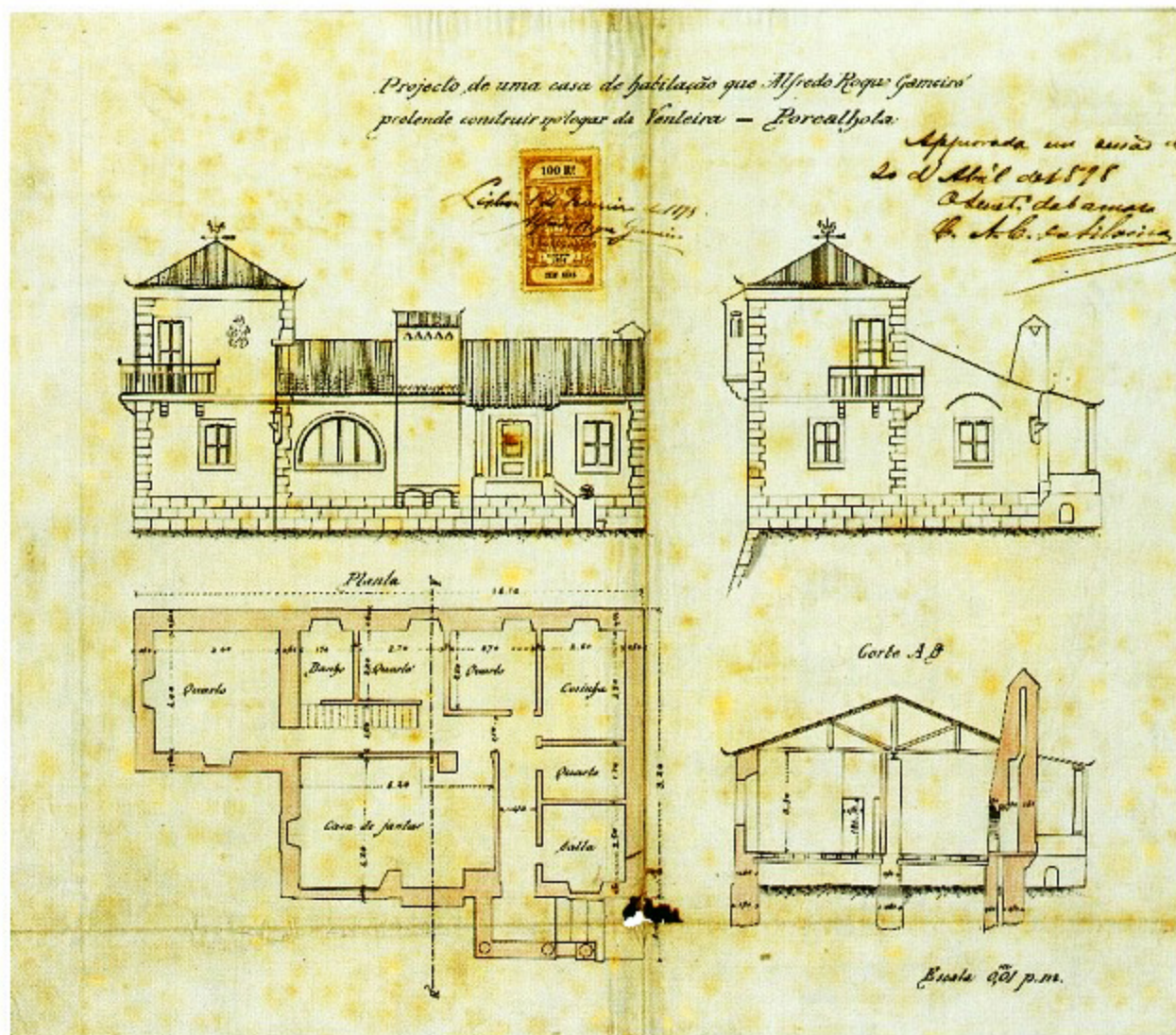
Sublinha ainda o contributo de Mâmia Roque Gameiro Martins Barata que, em vida, facultou a reprodução de documentos do seu arquivo familiar que foram essenciais à organização deste trabalho.



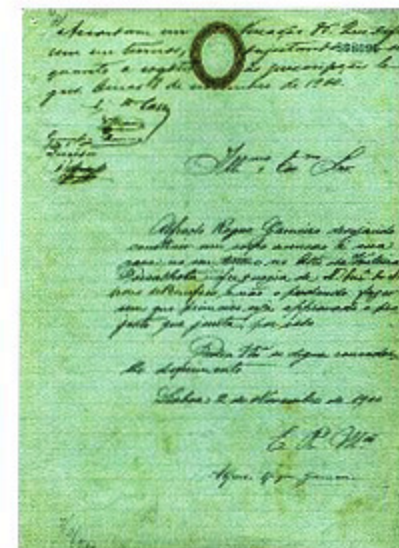
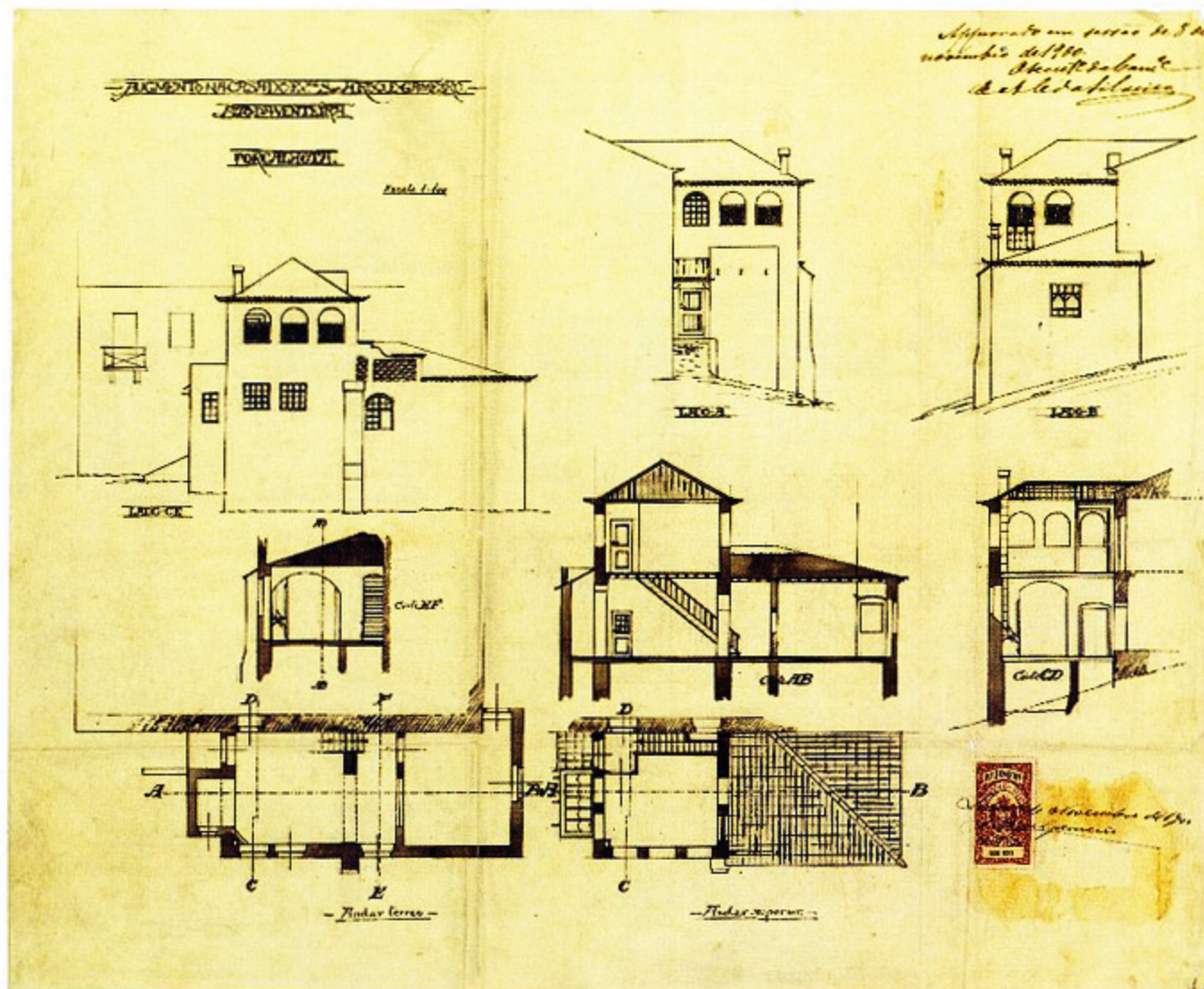
A Casa de Roque Gameiro na Amadora foi construída de acordo com um projecto datado de 1898 e ampliada cerca de dois anos mais tarde.

Tanto o projecto inicial como o de ampliação não estão assinados, existindo dúvidas sobre a sua autoria.

No período após a sua construção foram publicados dois artigos sobre a casa, na *Ilustração Portuguesa*, em 1909 e no jornal *A Amadora* de 14 de Abril de 1912. As informações neles contidas não são absolutamente coincidentes. No artigo da *Ilustração Portuguesa*, da autoria de Santos Tavares, com o título "Em casa de Roque Gameiro", é dada toda a ênfase ao papel de Roque Gameiro na concepção da sua própria habitação. "Toda a construção, que tem dez anos, se deve a



▲ Requerimento para a construção da casa, no lugar da Venteira, e projecto inicial do edifício, apresentados à Câmara Municipal de Oeiras e aprovados em Abril de 1898.



Gameiro, que a planeou, estudou e desenhou nos seus mínimos pormenores, presidindo, paciente e ansioso, a todos os trabalhos até final. O seu sonho realizou-se¹.

No jornal *A Amadora*, de 12 de Abril de 1912, surge uma referência à participação de Raul Lino na concepção do edifício, mencionando-se, claramente, que a ele se deve o projecto das áreas da casa que correspondem à ampliação de 1900. "A disposição interior é um encanto, aproveitando sabiamente a disposição do terreno em vários planos e mantendo a rigor a decoração e mobiliário. Tem magníficos azulejos, uns originais de Roque Gameiro, outros reproduzindo antigos padrões portugueses, em parte executados na fábrica do grande e saudoso artista Bordalo Pinheiro. O projecto foi executado pelo

▲
Requerimento para ampliação da casa e respectivo projecto, atribuído a Raul Lino, apresentados à Câmara Municipal de Oeiras e aprovados em Novembro de 1900.